



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Mariana Kircher de Vasconcellos

Self-Obsessed and Sexxee

(Delírios Cotidianos)

Porto Alegre

2013

Mariana Kircher de Vasconcellos

Self-obsessed and sexxee

(Delírios Cotidianos)

Orientadora:

Prof. Dra. Eny Schuch

Banca examinadora:

Prof. Dra. Claudia Zanatta

Prof. Dr. Eduardo Vieira da Cunha

Porto Alegre, junho de 2013.

Fagulhas
Abri, curiosa
o céu
Assim, afastando de leve as cortinas.
Eu queria rir, chorar,
ou pelo menos sorrir
com a mesma leveza com que
os ares me beijavam
Eu queria entrar,
coração ante coração,
inteiriça,
ou pelo menos mover-me um pouco,
com aquela parcimônia que caracterizava
as agitações me chamando.
Eu queria até mesmo
saber ver,
e num movimento redondo
como as ondas
que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas
cada pedacinho da matéria viva.
Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.
Eu queria
captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio.
Eu queria
ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las.
Eu não sabia
que virar do avesso
era uma experiência mortal
Ana Cristina Cesar *

*CESAR, Ana Cristina. A Teus Pés. Brasiliense, 1984.

RESUMO

Self Obsessed and Sexxee é o resultado de experiências e fragmentos da minha vida íntima, registradas a partir de fotografias e também de imagens em movimento através da câmera de vídeo. Utilizo como temática para minha produção artística a autobiografia, tema recorrente na arte contemporânea, em que percebe-se a necessidade da exposição da própria existência como obra de arte, as experiências e processos, e não apenas o resultado final da obra.

Self Obsessed and Sexxee, título do projeto aqui apresentado, trata-se de uma apropriação do título da sexta faixa do álbum *Experimental Jet Set, Trash and No Star*, gravado e distribuído em 1994, produzido por Buch Vig e por Sonic Youth, banda de rock experimental, formada em 1981.

Nesta pesquisa, utilizo e experimento possibilidades da interligação de diferentes linguagens como a fotografia analógica e digital, o vídeo, além de experimentos sonoros, através de melodias, ruídos e *samplers*, tendo como principal interesse não apenas o resultado final, mas todo o processo de criação, captação e edição das imagens, em que através das quais abordo questões sobre a passagem do tempo, sexualidade, sensualidade, corpo, em que revelo estados alterados de percepção, confusão, sensações vertiginosas, fragilidades, solidão, expondo meus desejos e impulsos.

LISTA DE FIGURAS

Fig.1 - KIRCHER, Mariana. Claro que vou me destruir. Auto retrato, 2011	12
Fig. 2 - KIRCHER, Mariana. Claro que vou me destruir. Frame do vide, 2012	14
Fig. 3 - MENDIETA, Ana. Glass on Body, 1972	15
Fig. 4 - GOLDIN, Nan, Nan after being battered, 1984	16
Fig. 5 - CLARK, Larry. Tulsa, 1963 - 1971	17
Fig. 6 - ARRUDA, Mario. Camera Diynamite, 2012	18
Fig. 7 - JAHN & DULLIUS. Moldura, 2011	19
Fig. 8 - FRANÇA, Rafael. Sem título, 1981	20
Fig. 9 - BENNING, Sadie. Me and Rubyfruit, 1999	21
Fig. 10 - RIST, Pippilotti. I'm not the girl who misses much, 1986	22
Fig. 11 - KIRCHER, Mariana. Deliro todas as Cores, 2012	23
Fig. 12 - ABRAMOVICH. Rhythm 2, 1974	26
Fig. 13 - WARHOL, Andy. Kiss, 1963	27
Fig. 14 - KIRCHER, Mariana. Just like honey, 2012	29
Fig. 15 - KIRCHER, Mariana. Devoro-me, 2012	29

SUMARIO

Lista de Figuras	6
------------------------	---

Introdução	8
------------------	---

Capítulo 1 - Claro que vou me Destruir	11
--	----

(foto biografia, a história de quem fotografa)

Capítulo 2 - Deliro Todas as Cores	22
--	----

(Relações entre dois perdidos em numa noite quente, a passagem do tempo e o espaço; situações banais do cotidiano *Rock and Roll*)

Capítulo 3 - <i>Just like Honey</i>	27
---	----

(Subjetividade, desejos)

Capítulo 4 – Devoro-me	29
------------------------------	----

(O prazer de ter prazer comigo)

Considerações Finais	31
----------------------------	----

Referências Bibliográficas	33
----------------------------------	----

INTRODUÇÃO

Meu trabalho define-se por uma narrativa autobiográfica, onde faço um paralelo entre o íntimo cotidiano e tudo que vivo intensamente, minha relação com as pessoas, lugares, filmes, músicas, tudo que me move e inspira, utilizando-me da hibridização de linguagens e de apropriações de tudo o que me influencia, contando histórias através de fragmentos de minha vida íntima, através de colagens de fotos, imagens em movimento e a sobreposição das imagens e som/ruídos/*samplers*, onde a subjetividade, os desejos, a própria existência, a individualidade são os principais temas que abordo, e as motivações pelas quais este projeto foi produzido, com a pretensão apenas de dividir esses momentos, e não fazer desses episódios, um registro de memórias, mas, compartilhar as sensações e delírios vivenciados no tempo e espaço em que as imagens foram registradas, ideias inspiradas a partir da leitura de "Um sopro de Vida" de Clarice Lispector em que a autora anseia pela experiência de vivenciar intensamente seu delírios, aprofundando-se na própria existência, falando sobre suas próprias loucuras, na falta de sentido das coisas, escrevendo, segundo a autora, para salvar a própria vida e viver o presente, sem pensar em amanhã, ou no que já passou.

Este é um livro de não-memórias. Passa-se agora mesmo, não importa quando foi ou será esse agora mesmo. É um livro como quando se dorme profundo e se sonha intensamente - mas tem um instante em que se acorda, se desvanece o sono, e do sonho fica apenas um gosto de sonho na boca e no corpo, fica apenas a certeza de que se dormiu e se sonhou.(...) LISPECTOR (1978, p.37)

Procuro através da música, da arte, desejos e delírios, vivenciar experiências diferentes das quais nos deparamos diariamente no meio em que estamos inseridos, onde presenciamos total manipulação de produção de subjetividade coletiva imposta pela mídia e pelo capitalismo, resultando na serialização, na desigualdade, nas relações de abuso de poder, exclusão, preconceitos, desrespeito e intolerância.

Anseio por caminhos à margem desses padrões, a fim de entregar-me totalmente ao que acredito, buscando através da subjetividade, motivação para a criação e

desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Para o desenvolvimento deste projeto, tenho como principal base teórica as ideias elaboradas pelo filósofo Guattari sobre subjetividade, em sua obra "As Três Ecologias", na qual o autor sustenta que somente através da singularidade e da reinvenção dos conceitos atuais sobre as relações nas questões políticas e culturais, que pode haver sim, modificações nesse meio caótico e supérfluo em que vivemos na contemporaneidade, e que através de uma articulação ético política, que autor define por ecosofia, entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana poderia acontecer significativas mudanças quanto as relações e valores ultrapassados, impostos em nossa sociedade. Guattari define que segundo os novos contextos históricos, a ecosofia social consistirá em modificações em níveis existenciais que dizem respeito à essência da subjetivação, experimentando práticas tanto em níveis micro sociais quanto em escalas institucionais maiores e a ecosofia mental será reinventada pela relação do sujeito com o corpo, com o inconsciente, com o tempo e os mistérios da vida e da morte.

"(...) é concebível em compensação que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. E todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto a vida cotidiana quanto a reinvenção da democracia - no registro do urbanismo, da criação artística, etc - trata-se cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero." GUATTARI (1997, p. 15)

Para o desenvolvimento deste projeto, além da criação de imagens a partir da fotografia, iniciei experiências usando o vídeo, procurando os mesmos resultados estéticos que obtinha com as fotografias analógicas, as quais criava imagens distorcidas, sobrepostas, desfocadas.

Dou continuidade ao que vinha desenvolvendo em fotografia analógica, como auto retratos, sequências de fotos de fragmentos de situações cotidianas bastante íntimas, mas com a utilização de novas linguagens como o vídeo e sons e produzidos em estúdio

e também capturados aleatoriamente, sendo o resultado final definido somente no momento da edição, que ocorre na maioria das vezes ao acaso, onde são sobrepostos os sons, ruídos e imagens que variam de cor, texturas e velocidade.

Nesta autobiografia, são explorados e divididos alguns dos meus desejos mais íntimos, onde o resultado final se torna tão importante quanto todo o processo de criação e captura das imagens e sons/ruídos, buscando o prazer de vivenciar minha produção e criação em artes visuais.

Iniciei a produção de imagens em vídeo com câmera fotográfica digital, captando imagens em movimento e sequências em fotografia. Quanto ao som, resolvi focar em sobreposições de ruídos e climas sonoros.

Este projeto foi dividido em capítulos, resultando em diversos vídeos de curta duração onde relato as técnicas utilizadas na captura e edição das imagens e as questões abordadas em cada um deles.

Utilizo como técnica de edição das imagens o *cut up* (colagens), conceito atribuído aos dadaístas, em que cortes aleatórios alteram a percepção da noção do tempo, espaço e da realidade. Essa mesma ideia de colagens aleatórias da imagem repete-se também para a composição da trilha sonora, resultando na sobreposição de ruídos e melodias criadas e gravadas com instrumentos analógicos e eletrônicos em estúdio e também aproprio-me de trechos de músicas e frases de filmes.

1 - Claro que vou me destruir

“ E pensemos em mim. Isso me leva a ter pouca saudade
do mundo. Tenho a possibilidade de não sofrer mais.

Minha vida não passou de doces loucuras, é lamentável.

Bah! Façamos todas as caretas imagináveis. “

Arthur Rimbaud*

Este trabalho é composto por uma sequência de auto retratos apresentados quadro a quadro, capturados com de uma câmera fotográfica analógica utilizando-me do recurso técnico da longa exposição do filme para obter a distorção na imagem, para provocar sensações de vertigem a partir dessas imagens, sem a preocupação com uma foto tecnicamente convencional e com a concepção tradicional da fotografia, em que o fotógrafo tinha interesse em registrar o "instante decisivo", concentrando-me na subjetividade. Utilizo como narrativa minha própria história, lembranças, desejos, relações, fantasmas, frustrações. Neste trabalho, através do uso de substâncias químicas busco a fuga da realidade, do tédio e da ansiedade, desejando apenas derreter, sumir, diluir, dormir, obtendo como resultado imagens desfocadas, distorcidas, sobrepostas.

Nessa sequência de fotografias analógicas em preto e branco, procuro criar imagens que proporcionem impressões de derretimento, apresentando falta de nitidez, falta de foco, até finalmente a desconstrução da imagem, criando uma fotografia não estática, buscando registrar o movimento para acentuar o momento através de imagens perturbadoras e distorcidas. Uso esta linguagem apenas para criar uma imagem que resuma o tema que quero abordar, característica da fotografia contemporânea, segundo teóricos como Charlotte Cotton, que levanta esta questão em seu livro *A Fotografia como Arte Contemporânea*.

"(...) na fotografia íntima, as deficiências técnicas das fotos domésticas, não artísticas, são empregadas como uma linguagem por meio da qual as experiências íntimas são comunicadas ao observador. O uso da fotografia aparentemente inábil é um recurso intencional que assinala a intimidade do relacionamento entre o fotógrafo e seu tema. (...) COTTON (2010, p.137/138)

* RIMBAUD, Jean Arthur. *Uma Temporada no inferno*. Porto Alegre, LPM, 1997

Neste trabalho abordo questões sobre a passagem do tempo, desconstrução da imagem, aleatoriedade e a utilização do acaso na captura, edição e trilha sonora, para compartilhar um momento de solidão e fuga da realidade, obtidos através de experiências com substâncias que resultam em estados físicos e perceptivos alterados, buscando através das imagens e do som uma aproximação com o momento vivenciado.



Figura 1: KIRCHER, Mariana. Claro que vou me Destruir. Auto retratos em fotografia analógica em PB. 2011.

A concepção do ato fotográfico na contemporaneidade, que difere dos conceitos da fotografia na modernidade, caracteriza-se pela abordagem principalmente da subjetividade do artista, onde os conceitos técnicos da fotografia tornam-se irrelevantes, sendo a máquina fotográfica usada apenas como suporte para criar imagens, tornando-se possível tudo que for desejado pelo artista, ao contrário da função do fotógrafo que tem

pretensão apenas registrar um momento.

(...) A fotografia de arte, por outro lado, embora aprimore a estética dos instantâneos de família, geralmente retira os cenários esperados e os substitui por uma dimensão emocional: tristeza, discórdia, vício, doenças. (...) a fotografia íntima é um exercício de patologia, a edição e o sequenciamento de momentos privados aparentemente desprotegidos, que revelam as origens e manifestações da vida emocional dos indivíduos. COTTON (2010, p. 137/138)

Em "Claro que vou me Destruir", que intitula essa sequência, aproprio-me de uma frase do filme *O Bandido da Luz Vermelha*, (1968), dirigido pelo cineasta brasileiro Rogério Sganzerla, que é baseado na história verídica de um indivíduo desiludido com a vida, interpretado pelo ator Paulo Vilhaça, que pratica roubos e tenta inúmeras vezes o suicídio.

Além das sequências desses auto retratos distorcidos, sobreponho imagens em movimento, capturados através da câmera de vídeo de uma cena em *loop*, em que também uso meu corpo caindo e levantando, caindo e tentando reagir, tentando recomeçar, resultando em uma tentativa frustrada. Também sobreponho a mesma imagem, com leve atraso entre elas, com o intuito de representar todo este estado de confusão, resultando em imagens vertiginosas.

A trilha sonora é composta por melodias de sintetizador sobrepostas e um ruído de guitarra no início do vídeo, estas melodias dão um clima para ressaltar o estado de torpor e solidão sentimentos vivenciados no instante em que foram registrados.



Figura 2: Kircher, Mariana. Claro que vou me Destruir. Frame do vídeo 2012.

Referência para esse trabalho é a obra da artista cubana Ana Mendieta (figura 3), que começou sua produção artística a partir da década de 1960, uma das precursoras da utilização de seu próprio corpo, para criar sua obra, para questionar e relacionar-se através de suas de performances perturbadoras, como carimbar paredes com o corpo ensanguentado, atear fogo na sombra de seu corpo sobre a terra, e como em seu trabalho “*Glass on Body*” o qual foi o mais relevante como referência para o video "Claro que vou me destruir", onde Mendieta deforma-se pressionando seu rosto, seios, todas as partes de seu corpo, contra um vidro transparente, alterando-o, distorcendo-o, deformando-o, registrando essas imagens a partir de fotografias coloridas, em plano fechado.



Figura 3: MENDIETA, Ana. *Glass on Body*, 1972.

Outra referência, a obra da artista precursora da fotografia de vida íntima, a norte americana Nan Goldin, que a partir da década de 1980, inicia registros de acontecimentos e as situações do meio boêmio a qual fazia parte, não separando sua vida de sua produção em arte, retratando pessoas com as quais convivia, *junkies*, roqueiros, travestis, registrando sua relação com esses indivíduos e sua vivência nesse ambiente obscuro, decadente, *underground*, para formar o seu próprio diário. Nan Goldin narra através de suas fotografias, também seus relacionamentos sexuais, o abuso de drogas e a violência doméstica, como na obra "*Nan 1 month after battering*", 1984, retrato em que mostra as marcas da violência, expondo seu rosto desfigurado por hematomas, resultado de brigas com seu namorado.



Figura 4: GOLDIN, Nan. Nan after being battered, 1984.

Outro artista, que assim com Nan Goldin, exerce grande influência na fotografia contemporânea, e em minha produção em artes visuais devido principalmente a temática de sua produção, é o diretor de cinema e fotógrafo Larry Clark, que produz imagens explícitas de autodestruição, sexo, drogas, como vemos em um dos seus primeiros trabalhos "*Tulsa*" (1972) e "*Teenage Lust*" (1983) e "*The Perfect Childhood*" (1993) - livro composto por fotografias em preto e branco que compõe seu trabalho mais autobiográfico, documentando também ao modo de um diário sua juventude e de seus amigos e a autodestruição pela combinação de sexo, drogas.



Figura 5: CLARK, Larry. Tulsa. 1963-1971

Entre os artistas brasileiros de referência, e que motivam e inspiram a criação de minha produção em artes visuais, está o coletivo Camera Diynamite que produz em fotografias analógicas seguindo a estética " Wild and Supertense", organizado por Mario Arruda e Matheus Bazzo de Porto Alegre, além de contarem com a colaboração de fotógrafos de todas as partes do mundo, os quais utilizam-se da fotografia como arte, transformando cenas habituais e cotidianas através de imagens intensas, provocativas e poéticas, com o intuito de contrariar a falsa noção da foto como um retrato da realidade, mas focando na subjetividade.

Referência muito importante para o meu trabalho, é o duo *Distruktor*, de Gustavo Jahn e Melissa Dullius, com quem tive uma banda chamada Autobahn entre 2005/2006, e participei atuando e tocando na trilha sonora do curta em 16mm intitulado *Éternau*, de



Figura6: ARRUDA, Mario. CameraDynamite,2012.

2006, dirigido e produzido por ambos, que além de filmes de ficção e auto biográficos como seu último projeto intitulado "Fluxos e Refluxos", também produzem fotografias com temáticas ficcionais e auto retratos.



Figura 7: JAHN & DULLIUS. Moldura, 2011.

Rafael França que começa a sua produção com litografias e em seguida começa a criar imagens através da utilização da máquina de xerox em sequências desenvolvendo *stop motion*, talvez uma das razões pelas quais França começa a produzir vídeo. Em seu trabalho sempre esteve presente a questão da passagem do tempo, tema abordado também em meu trabalho, sendo a principal característica de sua obra videográfica as narrativas experimentais.



Figura 8: FRANÇA, Rafael. Sem título, 1981.

Tenho como referência a obra de Sadie Benning, videomaker e co-fundadora da banda pós-punk feminista Le Tigre, que em seus vídeos experimentais, como "Me and Rubyfruit" (1999), registra cenas de seu isolamento em seu quarto usando o próprio corpo e voz e apropriando-se de programas de tv, de trechos de músicas e de tudo que a cerca.



Figura 9: BENNING, Sadie. *Me and Rubyfruit*, 1999.

Pippilotti Rist utiliza-se de seu corpo e voz e apropria-se de trechos de letras e músicas como no vídeo *"I'm not the Girl Who Misses Much"*, em que a artista acelera e diminui a velocidade do som e da imagem, e a medida em que o vídeo aproxima-se do fim, a imagem vai ficando cada vez mais difusa, abordando a degradação do corpo feminino, contrariando os padrões estabelecidos de beleza pela cultura popular, causando desconforto ao espectador.



Figura 10: RIST, Pippilotti. I'm not the girl who misses much, 1986.

2 - Deliro todas as Cores

(...) pela primeira vez eu conseguia me expressar da forma como desejava. Meu quarto refletia a confusão brilhante do meu mundo interior, metade vagão de trem, metade conto de fadas.
Patti Smith*

Outra experiência com sequências fotográficas, porém nesse trabalho coloridas e digitais, onde tenho como objetivo apenas compartilhar o estado físico e mental alterado que vivenciei no momento da captura das imagens - uma sequência frenética, contínua e ao acaso, mas ao contrário de "Claro que vou me Destruir", em que eu própria executo a captação das imagens, acontece uma relação com outra pessoa, que dispara a máquina

*SMITH, Patti. Só Garotos. São Paulo. Companhia das Letras, 2010

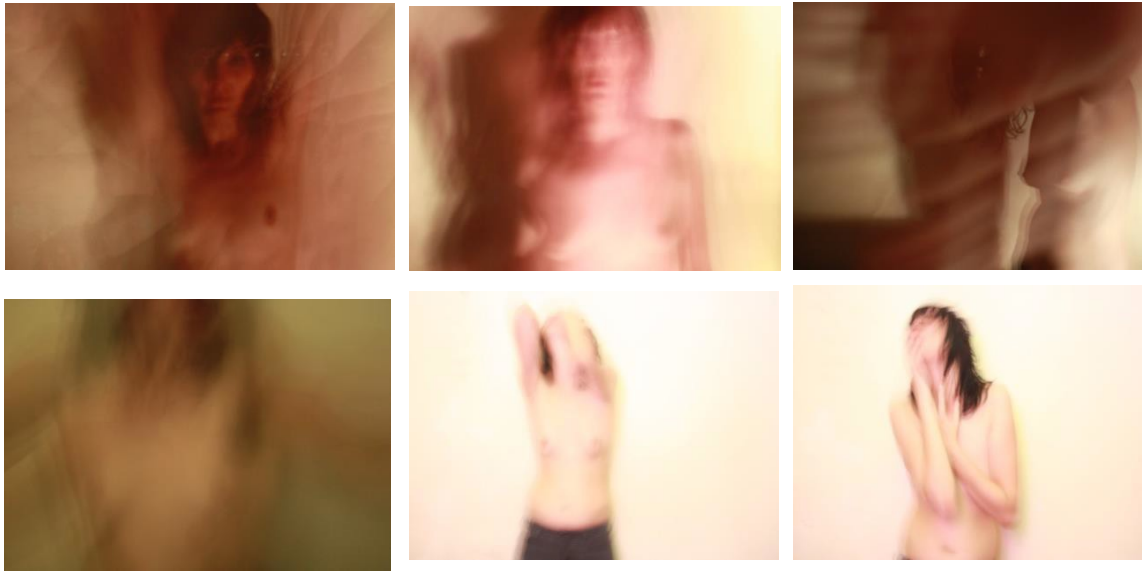


Figura 11.
KIRCHER, Mariana. Deliro
Todas as Cores, 2012.

fotográfica registrando as imagens, vivenciando as mesmas sensações experimentadas no momento, porém do outro lado da câmera, sem se expor fisicamente. Utilizo como recurso técnico, o longo tempo de exposição, para registro do instante que passa, obtendo como resultado fotografias não estáticas, que apresentam movimentos em cada fotografia registrada separadamente, criando efeitos luminosos através de experimentos com luzes artificiais e com papéis coloridos, além de experiências com estimulantes e substâncias, que provocam estados alterados da percepção, testando os limites suportados pelo corpo e a relação deste com o tempo e espaço e também a relação com outra pessoa que vivencia a mesma situação, mas percebe e delira diferente devido sua individualidade, devido ao modo único de percepção das diferentes pessoas sobre todas as coisas.

Assim como de Quincey em sua obra “Confissões de um Comedor de Ópio” publicado pela primeira vez em 1856, onde o autor revela suas experiências a partir de estados alterados e sua procura por sensações agradáveis, utilizando como temática para seu livro sua própria vida íntima relatando.

“(…) O espaço inchava e era amplificado em uma extensão incomensurável. Isso, contudo, não chegou a me perturbar tanto como as grandes extensões de tempo; às vezes me parecia que havia vivido 70 ou 100 anos em apenas uma noite; mas muitas vezes ainda tinha impressão de que nesse mesmo tempo havia se passado um milênio ou mesmo uma duração acima dos limites de qualquer experiência humana.” QUINCEY (....., p.71)

Ou também em “Os Paraísos Artificiais” de Charles Baudelaire publicado em 1861, que também reúne os ensaios realizados pelo poeta e seu interesse pelos “estados de exaltação” obtidos através de experiências com drogas em voga em sua época como o ópio e o haxixe.

A vontade de experimentar esses estados alterados da percepção e registrá-los para compartilhar as sensações das imagens fotográficas que foram criadas para este trabalho, resultou na alteração perceptiva da passagem do tempo real dentro de um mesmo espaço, no caso o confinamento em um quarto. Durante toda uma madrugada e manhã, onde não percebeu-se esse amanhecer, ocorrendo a sensação de uma passagem de tempo alterado, explorando as relações do eu e o outro, o espaço e o tempo, delirando entre quatro paredes, intensamente durante horas e horas, como se estivéssemos em um parque de diversões, como num outro mundo, um lugar só nosso, a parte de tudo, assim como o trecho do livro *Just Kids*, publicado em 2010, que citei para introduzir este capítulo, de autoria da poeta e roqueira Patti Smith (onde descreve um sentimento nunca antes experimentado, em que pela primeira vez consegue expressar-se da forma como desejava, em que o isolamento em seu quarto refletia seu mundo interior, vivenciando a aventura e delírios de sua intimidade que proporcionava sua criação).

Nessa autobiografia, em que Patti Smith conta sua relação e parceria com o fotógrafo Robert Mapplethorpe e suas experiências artísticas, e vivências no ambiente punk rock, pós-punk, transgressor e underground em NY nas décadas de 1960 e 1970, os

que lugares que frequentavam, as bandas, shows e as relações com as pessoas que produziam arte, música, filmes, e sobre as dificuldades e maravilhas de criar, escrever, dançar, saborear os doces momentos proporcionados pela simples vontade de viver, deentregar-se de corpo e alma, a um estilo de vida anarquista, à margem, com atitude e coragem de viver fora os padrões estabelecidos sobre o que é certo ou errado.

Com os mesmos interesses, criando a partir de mínimos recurso disponíveis, vivenciando intensamente, plenamente a arte, a música, a poesias, as relações, para mostra que existem outros meios, formas, maneiras de se produzir e criar de um modo alternativo, diferenciando-se do que é imposto, como relevante pela mídia, conceitos que ressaltam uma forma anarquista de viver, e produzir assim como todos os artistas e músicos precursores na década de 1970, da conhecida *Blank Generation*, e todos os artistas contemporâneos influenciados por essas atitudes, sinto total admiração e sofro influência, tanto para meu modo de produzir em arte, como em música com minhas bandas de rock, ou produzir eventos que reúnam, movimentando a partir da pouca estrutura todos que produzem e querem dividir essas experiências, essa entrega de corpo e alma às coisas que movem, que inspiram e tornam você o que você acredita, suas bandas preferidas, lugares, poetas, músicas, a relação com as pessoas, os amigos, as diferenças, as histórias pessoais de cada um, questões exaustivamente abordadas em meu trabalho, a partir das referências teóricas desenvolvidas pelo filósofo francês Guatarri, o qual citei anteriormente, que defende que pequenas mudanças na atitude e na relação entre as pessoas e tudo o que vivenciamos culturalmente, politicamente, socialmente na contemporaneidade, pode ser alterado, contestado, mudado, através talvez das novas relações, devido ao foco nas diferenças de cada indivíduo, dos nossos desejos, nas diferentes percepções sobre as coisa que vivenciamos.

Quanto a trilha sonora apropriei-me de um trecho de uma música da banda *Sonic Youth*, usei apenas um *sampler* do momento final instrumental, bastante experimental devido ao uso de recursos de instrumentos de cordas e pedais de efeitos para fazer melodias, nada convencionais, porém, alterei o tempo, deixando-o mais bem mais lento.

Quanto ao título deste trabalho, " Delíro todas as Cores", aproprio-me de uma frase citada no filme "Éternau" de Gustavo Jahn e Melissa Dullius, o qual atuei e participei da criação de meu personagem e da trilha sonora.

Uma das referências para a produção deste trabalho, é a performance " *Rhythm 2*", 1974, da artista Marina Abramovich, a qual explora conexões entre corpo e mente, através

do uso de substância químicas e os efeitos proporcionados por estas, dividindo esta performance em duas partes. Na primeira parte a artista ingeri pílulas as quais provocam reações violentas em seu corpo como convulsões, movimentos incontrolláveis, porém não alteram sua percepção, e lúcida, consegue observar todas as alterações físicas que está vivenciando. Na segunda parte, ingeri outro tipo de substância química que resulta na imobilidade geral de seu corpo, e alteração total da sua percepção mental.



Figura 12 : ABRAMOVICH. Rhythm 2, 1974.

Outra referência para o desenvolvimento desse video é a obra do artista multimídia Andy Warhol, que produziu filmes a partir de situações banais e cotidianas, como dormir, comer, beijar, assim como nesse meu trabalho, que resulta apenas em uma sequência de fotos de brincadeiras e sensações físicas e perceptivas alteradas noite a dentro. Warhol nesses filmes de curta e média duração utiliza-se do improviso dos atores e de cenas do cotidiano, partindo das ideias de Duchamp de que podemos tornar arte qualquer objeto ou situação do cotidiano no momento que o inserirmos no contexto da produção de arte, assim como vemos nos filmes experimentais "kiss" de 1963, com duração de 50 minutos onde vários casais, héteros, lésbicos e homossexuais beijam-se durante um tempo, em plano fechado, em que Warhol filma somente, seus rostos, e em blow Job, 1974, em que um jovem é filmado enquanto ocorre o ato sexual que intitula a obra, também em plano fechado em seu rosto, de modo que todo o espaço fora da tela tem que ser imaginado.



Figura 13: WARHOL, Andy. Kiss, 1963.

3 - Just Like Honey

Eu dormia muito abaixo do nível das tempestades. Movia-me dentro da cor e da música como dentro de um diamante-mar. Não havia corrente, de pensamento, apenas carícia-fluxo-desejo misturando-se, tocando, afastando, vagueando - no abismo infinito.

Anaïs Nin*

NIN, Anaïs. A Casa do Incesto. Assírio e Alvim, 1958.

Neste vídeo, abordo explicitamente situações sobre relacionamentos e sobre a sexualidade, corpo feminino, e as imagens mostram fragmentos de momentos em que acontece o ato de experiências íntimas entre eu e outra pessoa, em que desenvolve-se contato físico, carícias, momentos de excitação, prazer, onde enfatizo utilizando como recurso, sobreposições de cores e texturas apropriadas de um vídeo da banda de rock *The Kills*, "*Cheap and Cheerful*" as quais gravei com uma câmera de vídeo da própria tela da televisão, aumentando ao máximo essas imagens no momento da edição, obter apenas os efeitos de cores, que foram dispostos em camadas sobre as sequências de fotos registradas, com o intuito da utilização dessas cores para criar um clima por vezes mais suaves, outras mais intensos e ressaltar as sensações vividas no momento, onde são revelados toda a suavidade e entrega mútua, vivenciado totalmente esta cumplicidade e as experiências sensoriais proporcionadas pelos aromas, sabores, fluídos, prazeres de viver, de saciar desejos.

Além das fotos registradas a partir do disparador automático, em que novamente busco sequências dos movimentos, mas agora com o resultado fotográfico da imagem capturada com curto tempo de abertura do obturador, estático, criando o movimento a partir de sequências, como uma espécie de animação em *stop motion*, e utilizando na edição o recursos das camadas sobrepostas tanto com o som quanto com as imagens e sobreposições de cores e texturas.



Figura 14: Kircher, Mariana. *Just Like Honey*, 2012.

Quanto ao som especificamente, produzi uma colagem de trechos de ruídos de guitarra sobrepostas a outros experimentos sonoros de minha autoria, e utilizei da apropriação de algumas frases que compõe a letra da música "*Secret Girl*" de autoria da banda *Sonic Youth*, usando os recursos proporcionados pelo programa de edição como os efeitos de repetição no áudio.

4 - Devoro-me

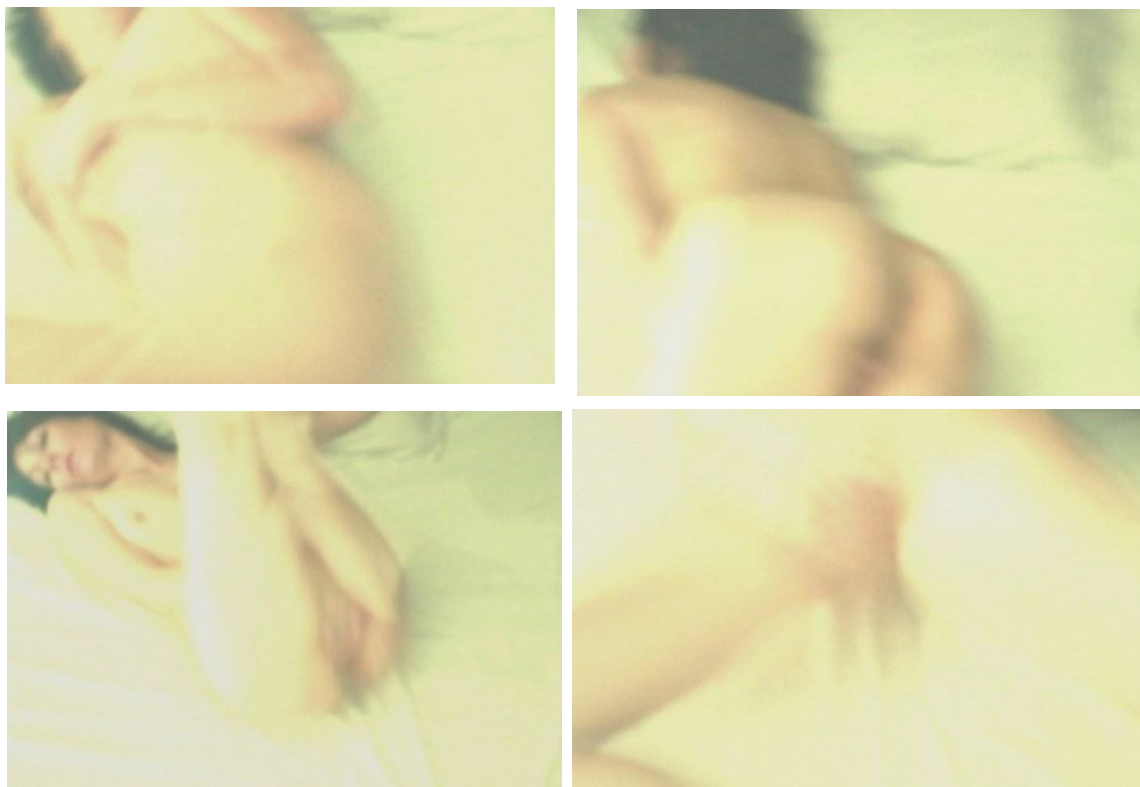


Figura 15 : KIRCHER, Mariana. *Devoro-me*, 2012.

Produzido a partir de sequências de fotos que revelam momentos solitários de

saciar desejos de me proporcionar prazer através de carícias para gerar minha satisfação como a única coisa que me move naquele momento, apenas com o intuito de vivenciar intensamente esse instante, saborear de mim mesma, dos meus próprios fluídos e pensamentos e sensações e brincadeiras úmidas e solitárias, resultando em imagens do íntimo de vivenciar minha existência, da minha vontade e espontaneidade de expor-me intimamente, praticando masturbação.

Para a produção e na edição desse trabalho, utilizei recursos de sobreposição e repetição das imagens criadas a partir de fotografias digitas, e apropriação do trecho de um texto do filme "*Control*" (2007) dirigido por Anton Corbijn, o qual utilizei repetições das frases acrescentando efeitos, criando diferentes texturas sonoras, sobrepostas a composição da banda *Autobahn*, "*Be Rich Be Cool*", da qual fiz parte como guitarrista e compositora, com parceria do dj Dunwich que criou e gravou a base eletrônica.

As fotografias revelam detalhes do meu corpo, ressaltam texturas de minha pele, e a medida que vai desenrolando o vídeo, as imagens vão ficando cada vez mais intensas através das sobreposições dessas fotos, das mudanças de cores, de tonalidades, e da alteração da velocidade e repetição das imagens e do som, onde o espectador pode penetrar no meu espaço privado como um voyeur e participar de meus delírios e meus desejos mais íntimos, através dessas sequências de fotos onde pratico masturbação.

Considerações Finais

Pesquise a intersecção de diferentes linguagens e a criação de diferentes resultados estéticos, onde procuro enfatizar a hibridização entre arte e tecnologia, a partir das reflexões entre meu processo criativo e as possibilidades infinitas que estas proporcionam, com o intuito de explorar, experimentar e vivenciar diversos recursos quanto ao não limite do improvisado, do acaso.

Através do uso de sobreposições, camadas, justaposições, busco na subjetividade, ou seja, no espaço íntimo (mundo interno) e na relação com o mundo social (mundo externo), a temática para o desenvolvimento do meu trabalho.

Cito como referência as ideias do filósofo Guattari , onde através de uma articulação ético - política, que o autor define por ecosofia, que consiste em mudanças em níveis existenciais que dizem respeito à essência da subjetivação, busco reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o inconsciente e com o tempo.

O exercício da reflexão do meu processo criativo é focado na subjetividade e na análise da produção contemporânea, sendo fatores fundamentais para os desdobramentos do meu processo artístico.

Dialogando através da minha vivência com a busca de uma expressividade estética calcada em meu cotidiano, minhas experiências pessoais movidas pelos sentimentos mais variados que me circundam, buscando transpor para imagens e sons variadas sensações que me movem, inspiram, atormentam e revelam-se como matéria prima para a construção de minha arte, traduzindo através da perspectiva áudio visual delírios e razões que dão significado a minha existência, assumindo-me autor e obra em constante mutação, desprendida de julgamentos exteriores, construindo minha expressão artística a partir da minha visão da existência.

Links para acessar os videos:

Claro que vou me destruir, 2012

<https://www.youtube.com/watch?v=Hg1tFKFtrQA&feature=youtu.be>

Deliro Todas as Cores, 2012

https://www.youtube.com/watch?v=c_vdr1FeHf8&feature=youtu.be

Just Like Honey, 2012

<https://www.youtube.com/watch?v=XzD-v7tO3rY&feature=youtu.be>

Devoro-me, 2012

<https://www.youtube.com/watch?v=K1vH9mCct7o&feature=youtu.be>

Referências bibliográficas:

BAUDELAIRE, Charles. Os Paraísos Artificiais - O ópio e Poema do haxixe. 1861. edição brasileira 1982. L&PM

CESAR, Ana Cristina. A Teus Pés. ed. Brasiliense, 1984.

COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo. Martins Fontes, 2010.

DUBOIS, Philippe. Cinema, Video, Godard. São Paulo. Cosac Naify, 2004

DANCYGER, Ken. Técnicas de edição para Cinema e Vídeo, Godard,: História e prática. Rio de janeiro: Elsevier, 2003.

GUATTARI, Felix. As Três Ecologias. São Paulo. Papyrus, 1997.

LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida. São Paulo. Circulo do Livro S.A, 1

MARTINO, Marlen Batista de, Confissões na Arte Contemporânea - O Corpo como Diário.

Orientador: Edson Luiz André de Sousa. Porto Alegre, 2008

MURCH, Walter. Num Piscar de Olhos. Rio de janeiro: Jorge Zalvar, 2004
McNEIL, Legs e
McCAIN, Gillian. Mate-me Por Favor. L&PM.

NIN, Anaïs. A Casa do Incesto. Assírio e Alvim, 1958.

QUINCEY, Thomas de. Confissões de um comedor de ópio. Porto Alegre, L&PM, 1982.

RIMBAUD, Jean Arthur. Uma Temporada o inferno. Porto Alegre, LPM, 1997.

RUSH, Michael. Novas Mídias na arte contemporânea. São Paulo,
Martins Fontes, 2006.

SMITH, Patti. Just Kids. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.